



Argumento

Marília Aisenstein, Paris*

A partir das formulações e questionamentos de Freud sobre o enigma do masoquismo, a autora discute seu papel como guardião da vida e o vestígio da fusão das duas pulsões: libido, de uma parte, e pulsão de morte, de outra. Para o estudo das diferentes figuras do masoquismo e de seus enigmas, evoca dois escritores: Gilles Deleuze e Benno Rosenberg. Este último autor apresenta a hipótese de um masoquismo originário que liga a destrutividade, a qual só se torna sadismo quando é projetada. Finaliza vinculando estes conceitos à necessidade de dor física e às psicossomatoses.

Descritores: masoquismo, dor física, psicossomatoses.

* Psicanalista. Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Paris.



O masoquismo assume figuras variadas, mas sua própria existência coloca um *enigma* para a teoria psicanalítica que o próprio Freud considerou vital: se prazer e desprazer podem confundir-se e coincidir, como fica o princípio de prazer?

Aqui reside o problema econômico do masoquismo, e o artigo de Freud de 1924 leva a um reexame radical de toda a teoria psicanalítica esboçada até então.

De fato, pode parecer inconcebível o fato de que Freud, que trabalha o tema da sexualidade do qual o masoquismo faz parte desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905), tenha descoberto somente em 1924 que definir o princípio de prazer de um único ponto de vista econômico torna o masoquismo ininteligível.

Dizendo de modo mais simples: podemos, de fato, surpreender-nos que, até então estritamente assimilado à descarga, o prazer se opusesse ao desprazer = tensão, retenção, excitação. Por conseguinte, negava-se que houvesse prazer na tensão de excitação.

A releitura *a posteriori* de *Pulsões e destinos das pulsões* (Freud, 1915), mostra bem que nada antes de 1920 chega a esclarecer o masoquismo enquanto fato clínico. Será preciso esperar a concepção de *Além do princípio do prazer* para que o *problema* do masoquismo seja, enfim, colocado de modo heurístico.

Enigma vem de *enigma* em grego, o que implica primeiramente a idéia de desvio. A aceção *obscura*, misteriosa, é um deslize semântico posterior. O desvio necessário para esse enigma passa por uma revisão da primeira teoria das pulsões que permita pensar uma autodestrutividade que ataca não apenas a vida psíquica, mas também o corpo. Se o princípio de prazer – até então considerado o guardião da vida psíquica – se confunde com o desprazer, este (o desprazer) pode tornar-se o objetivo da vida. E Freud se pergunta qual seria, então, o guardião de nossa vida psíquica. A resposta está contida nas doze páginas do artigo de 1924 e passa pelo reconhecimento de um masoquismo erógeno originário, cuja existência fora até então refutada.

É, pois, este último que se torna guardião e garantia da vida, visto que é o testemunho e o vestígio da fusão das duas pulsões: libido, de uma parte, e pulsão de morte, de outra. Nasce, assim, a noção fundamental de intricação pulsional. Lembro aqui que, paradoxalmente, Pierre Marty, embora monista, às vezes aproximou o conceito de desorganização progressiva do conceito de desintração das pulsões. Pode-se considerar a noção de fixação somática descrita por Pierre Marty como um ponto de fixação masoquista orgânico?

Se a oposição sexualidade e conservação é substituída pelo atrelamento





pulsional libido e pulsão de morte, devemos conceber, de um lado, uma libido = ligação frenética à qual se opõe, para evitar a colusão e permitir o desejo, um princípio de desligamento que permita a via longa, a espera.

Ora, esta última é impensável se não for imaginado um investimento masoquista do desprazer, uma dimensão masoquista da existência que permita o investimento da alucinação do prazer.

Por que não morrer logo na primeira decepção? Por que gostar de sofrer?... Porque a intricação das duas pulsões antagonistas se dá na base e em função de um masoquismo erógeno primário, sobre o qual virão apoiar-se todas as outras formas de masoquismo: feminino, moral, secundário. Este último sendo o retorno do sadismo sobre a própria pessoa que Freud havia descrito em 1915 como o único *masoquismo*.

Para o estudo das diferentes figuras do masoquismo e de seus enigmas, evoco aqui dois escritores muito diferentes: um deles é Gilles Deleuze (Deleuze, 1967), cujo aporte fundamental está em ter demonstrado que o masoquismo não é nem o antônimo nem o complemento do sadismo e que a entidade *sadomasoquismo* inventada por Kraft-Ebing traz problemas complexos. Não há um retorno e sim uma dupla produção paradoxal. O parceiro sádico do masoquista é parte integrante do cenário masoquista e foi educado para isso, aceita as regras e não pode ser pensado como o único perverso sádico.

Não seguirei pontualmente a crítica que Deleuze faz aos textos freudianos, mas ele formula aí verdadeiras questões.

O outro escritor é Benno Rosenberg (1991). Sua tese principal repousa na hipótese de um masoquismo originário que liga a destrutividade, a qual só se torna sadismo quando é projetada.

Essa concepção permite evitar o obstáculo de uma visão genética e propõe a projeção primária enquanto fundamento dos mecanismos posteriores de negação. O sadismo introjetado tornar-se-á auto-sadismo que, por sua vez, engendra a culpa. A diferenciação entre masoquismo moral e sentimento de culpa apresenta-se, assim, na dinâmica ego-superego, o que não deixa de interrogar os psicossomatistas.

O masoquismo não é apenas guardião da vida porque liga primariamente a destrutividade, mas porque pode também constituir secundariamente uma *tentativa de cura*. Isso explicaria os abusos de masoquismo perverso na psicose fria. Condutas autodestruidoras e automutiladoras poderiam ser vistas, por seu próprio excesso, como paliativas à falha do núcleo masoquista inicial.

Uma teoria tão original da constituição do psiquismo fundada num núcleo masoquista originário, organizador da satisfação-alucinação do desejo e da tem-





Marília Aisenstein

poralidade, não pode deixar de trazer um certo esclarecimento sobre os dois desvios pulsionais que são a doença e a passagem ao ato perverso. Devemos considerá-los equivalentes? Alain Fine evocara a noção de *acting* no corpo. Podemos concluir que essas duas vias ou saídas constituiriam um desafio para aquilo que Benno Rosenberg chamou de *dimensão masoquista da existência*?

A teoria da Escola Psicossomática de Paris, assim como a prática com casos extremos de pacientes que sofrem de afecções somáticas dolorosas, invalidantes e até mesmo letais, tendem a defender a hipótese de uma colocação em xeque do masoquismo enquanto dimensão existencial do psiquismo e do masoquismo guardião da vida, baseada numa falência do masoquismo erógeno primário.

Quais são as relações desse fracasso com carências e com a textura dos auto-erotismos?

Se grandes psicossomatistas da primeira geração, sobretudo Pierre Marty, não evocaram com muita frequência o masoquismo, foi justamente porque, descrevendo uma clínica nova que é definida pelo vazio semiológico ilustrado na depressão essencial e no funcionamento operatório, o narcisismo e o masoquismo nela somente se expressam em negativo.

Já em 1914, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud havia evocado a doença somática e descrito o refluxo narcísico necessário ao estabelecimento dos processos de cura. Recuo da libido narcísica e investimento masoquista do corpo em sofrimento confundem-se aqui, mas estão muitas vezes ausentes nos pacientes somáticos encaminhados a psicanalistas. São aqueles para os quais, em geral, a ajuda das terapias médicas clássicas não basta. Mas será que esta hipótese é suficiente?

Nesses quadros insólitos para os psicanalistas, será que às vezes faltam também a angústia e a dor, contra-investida, negada, anestesiada?

Que lugar ocupa o masoquismo erógeno ou moral nos *processos autocalmantes*¹? E nos *galériens volontaires*² descritos por Gérard Szwec? Ou então naqueles que trazem cicatrizes de uma cirurgia dita reparadora?

Ora, justamente, o masoquismo é o investimento erotizado do sofrimento, cujo paradigma é a dor, uma vez que sempre remete ao modelo do corpo. Freud já se interessara pelo caráter paradoxal das mudanças de registros do sofrimento.

1. *Revue française de psychosomatique*, n. 4 et n. 8. Paris: PUF.

2. N.T.: "Les galériens volontaires" [Os remadores voluntários] é o título de uma monografia de Gérard Szwec (1998, Paris, PUF) que descreve condutas repetitivas nos registros da motricidade e/ou das percepções sensoriais, visando ao controle da tensão de excitação. Os "galériens" [remadores] evocam os condenados cuja pena era remar nas galés e executar trabalhos forçados, repetitivos, acorrentados pelos pés.





Como o masoquismo pode, então, levar a adoecer e também contribuir nos processos de cura? □

Abstract

Argument

Based on Freud's formulations and questions about the enigma of masochism, the author discusses its role as the guardian of life and the vestige of the fusion of the two drives: libido on the one hand and the death drive on the other. She evokes two writers, Gilles Deleuze and Benno Rosenberg, to study the different figures of masochism and its enigmas. The latter author presents the hypothesis of an original masochism that is linked to destructiveness and only becomes sadism when projected. She finally connects these concepts to the need for physical pain and to psychosomatosis.

Keywords: masochism, physical pain, psychosomatosis.

Resumen

Argumento

A partir de las explicaciones y cuestionamientos de Freud sobre el enigma del masoquismo la autora discute su papel como guardián de la vida y el vestigio de la fusión de las dos pulsiones: libido, de un lado, y pulsión de muerte, de otro. Para el estudio de las diferentes figuras del masoquismo y de sus enigmas, evoca dos escritores: Gilles Deleuze y Benno Rosenberg. Este último autor presenta la hipótesis de un masoquismo originario que liga la destructividad, la cual sólo se torna sadismo cuando es proyectada. Finaliza vinculando estos conceptos a la necesidad de dolor físico y a las psicopatosis.

Palabras llave: masoquismo, dolor físico, psicopatosis.

Referências

- DELEUZE, G. (1967). *Présentation de Sacher-Masoch*. Paris: Minuit.
FREUD, S. (1905). *Trois essais sur la sexualité*. Paris: Gallimard, 1962.





Marilia Aisenstein

- . (1914). Pour introduire le narcissisme. In: *La vie sexuelle*. Paris: PUF, 1969, p. 81-105.
- . (1915). “Pulsions et destins des pulsions”. In: *Metapsychologie*. Paris: Gallimard, 1968.
- . (1924). “Le problème économique du masochisme”. In: *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF, 1973.
- ROSENBERG, B. (1991). *Masochisme mortifère, masochisme gardien de la vie*. In: Monographie de la *Revue française de psychanalyse*. Paris: PUF.

Recebido em 22/09/2004

Aceito em 29/09/2004

Marilia Aisenstein

72, rue d'Assas,
75006 – Paris – France
E-mail: mariliaais@hotmail.com

© PUF, 2000

© Revista de Psicanálise – SPPA